

Para manter vivo o pensamento crítico da comunicação latino-americana: entrevista com Delia Covi

Cláudia Nonato

Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM FAAM Centro Universitário e editora executiva da revista Comunicação & Educação.

E-mail: claudia.nonato@uol.com.br

Resumo: A entrevistada Delia Covi Druetta é professora doutora na Universidade Nacional Autônoma do México. Há muito, contribui com a área dos estudos em comunicação. Seu percurso profissional, no jornalismo, inicia-se no rádio e na televisão para consolidar-se no ensino e na pesquisa. A experiência profissional e acadêmica faz que suas pesquisas se voltem para a interrelação comunicação/educação, sendo reconhecida como uma grande pesquisadora latino-americana na temática juventude e usos das tecnologias digitais. É uma entusiasta da escola como espaço de acesso e formação crítica para o uso das novas mídias. Delia Covi destaca a contribuição pioneira e essencial dos latino-americanos para os estudos da educomunicação. É a atual presidente da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação (Alaic).

Palavras-chave: Delia Covi; Alaic; juventude; tecnologias digitais.

Abstract: The interviewee Delia Covi Druetta is a Professor at the National Autonomous University of Mexico. For a long time, she has contributed to the field of communication studies. Her career in journalism began on the radio and television and was consolidated in teaching and research. Her professional and academic experience affects her research by focusing on the communication/education relationship, being recognized as a great Latin American researcher on youth and uses of digital technologies. She is an enthusiast of school as a space of access and critical training for the use of new media. Delia Covi highlights the pioneering and essential contribution of the Latin American people to Educommunication studies. She is the current President of the Latin American Association of Communication Researchers (Alaic).

Keywords: Delia Covi; Alaic; youth; digital technologies.

Recebido: 30/09/2018

Aprovado: 20/10/2018



Crédito: Cláudia Nonato

Comunicação & Educação: Você estudou a televisão aberta, a TV a cabo e a importância do audiovisual na sociedade. Fale sobre essa trajetória de estudos e como vê a migração desses meios para o digital.

Delia Crovi: Na verdade, eu comecei estudando a relação comunicação-educação, tema que foi abordado em minha tese de graduação e no mestrado, embora analisando tópicos e momentos diferentes a partir dessa relação. Penso que a área da comunicação é tão ampla que sempre nos convida a renovar, e isso nos leva a abordar meios e circunstâncias diferentes, muitas vezes relacionados com nossas próprias atividades profissionais.

No meu caso foi assim: trabalhei no rádio e na televisão, um pouco na imprensa, o que me fez aproximar dos detalhes da produção de conteúdo, da rotina de trabalho, da estrutura corporativa, quando existia, e dos sistemas da mídia pública nesses meios de comunicação. A experiência desse conhecimento se manifestou também no trabalho investigativo, especialmente considerando a supremacia que a televisão alcançou como um meio das massas, enquanto o rádio, sem perder seu protagonismo, foi relegado a um lugar secundário. Em algum momento, conectei os temas iniciais, comunicação-educação com os meios eletrônicos, e os estudei como parte dos sistemas universitários e dos meios culturais.

Disso para a migração digital era apenas uma questão de contexto e evolução. A digitalização foi se tornando tão forte dentro da cultura no final do século XX, sendo impossível ignorá-la. Há um leque de tópicos sobre essa realidade: novos meios de comunicação, novos donos destes meios, diferentes usuários, diferentes interações, diferentes conteúdos difundidos, nova dimensão espaço-tempo e, a partir da educação, necessidade de contar com outras habilidades de outra ordem, o digital.

C&E: Que balanço você faz sobre os estudos latino-americanos de comunicação?

DC: Minha avaliação dos estudos latino-americanos sobre a comunicação sempre foi e será muito positiva, porque são realizados com espírito de luta, confronto crítico e criatividade. Penso que como região contribuímos muito para a área, desde os estudos iniciais sobre economia política, que não eram chamados assim, até conceitos como o de comunicação alternativa, que estão sendo revisitados agora à luz das novas mídias digitais. E fomos pioneiros em ler uma realidade dilacerante: o surgimento e fortalecimento das corporações midiáticas, suas conspirações com os grupos no poder e o impacto social. Inicialmente por um jornalismo de denúncia; posteriormente por uma investigação articulada, sempre exercitando o pensamento crítico que tem caracterizado boa parte dos intelectuais latino-americanos.

A luta contra os processos coloniais levou a região a criar novas formas de registrar os eventos, questionando-os, interpretando-os à luz de olhares múltiplos. Mas acho que esta história não foi suficientemente contada e valorizada. É uma questão pendente, apesar de muitos esforços realizados, ainda faltam mais.

Além disso e muito importante é que fomos pioneiros como região devido a nossa dedicação aos esforços coletivos para fortalecer a área, nos agrupando, nos reunindo em associações. Tais grupos alcançaram visibilidade social com uma desigualdade nos resultados, dependendo do país e suas condições, tornando-se interlocutores em algumas decisões fundamentais de comunicação na sociedade.

C&E: Você trata de questões da comunicação na educação desde os anos 1990. Coordenou o GT da Alaic sobre essa temática durante vários anos. Qual a contribuição que os estudos de comunicação latino-americanos têm dado a área da comunicação e educação?

DC: Fui coordenadora, durante mais ou menos 17 anos, do Grupo Temático Comunicação e Educação, da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação. Então, eu tive o privilégio de vê-lo crescer e se consolidar como uma subárea de estudo, que ainda é muito importante. Isso se fundamenta na existência de publicações especializadas em comunicação-educação, cursos livres, cursos de graduação e pós-graduação e muitos estudos científicos.

Sobre a nossa contribuição, a resposta é simples: criatividade. A comunicação-educação, a comunicação educacional, a educomunicação, não pode ser compreendida sem a valiosa contribuição da América Latina, não só pela importância, mas também pelo pioneirismo. Uma região com deficiências como a nossa sempre tentou

superar essas necessidades com criatividade, e a área da comunicação-educação não é exceção. Com cada geração tecnológica surgiram novas ideias para combater os déficits e as dívidas com a educação. Como um elo vital, a comunicação desempenhou em cada caso um papel fundamental e, a partir disso, as experiências foram acrescentadas no momento em que se enriquecia um fundo teórico-metodológico sobre este vínculo, notavelmente reconhecido em outras regiões do mundo.

C&E: Como os governos e a escola, no México sobretudo, tem enfrentado as mudanças tecnológicas na perspectiva da comunicação e educação?

DC: É uma questão complexa que pode ser expandida para outro espaço. Vou tentar resumir esse tema muito complexo, desde a experiência no México.

Nesse país, existem dois tipos de educação: a pública e a privada. Por isso a resposta depende dessa primeira divisão. É preciso falar sobre o nível de escolaridade, sobre a região do país, as condições socioculturais e econômicas dessas regiões, o acesso à tecnologia, e todos os fatores determinantes das respostas que estão ocorrendo com as mudanças tecnológicas a partir da perspectiva da comunicação-educação. Proponho três passos para buscar uma resposta. Em primeiro lugar, não devemos desconsiderar as condições às quais me referi entre outras que poderiam ser observadas, como o acesso e o desenvolvimento desigual das competências para a gestão de tecnologias ou a capacitação desigual do setor docente. Em segundo lugar, consideremos o objetivo fundamental da educação privada – que é, geralmente, obter lucros – contra a educação pública – marcada, por alguns anos, pela sua ineficiência terminal e prejudicada por baixos orçamentos para executar suas funções e, mais recentemente, por um sistema de avaliação questionável. Em terceiro lugar, aponto rapidamente como conclusões que, enquanto o setor privado tende a oferecer importantes inovações tecnológicas como um fator de interesse para aumentar o número de matrículas em seu sistema, o sector público gerencia recursos desiguais para lidar com a mudança tecnológica, que ainda podem ser acrescentados fatores de desconhecimento sobre o assunto, corrupção ou desconhecimento sobre o seu valor nas sociedades atuais.

É uma questão que pode ser investigada ainda mais tanto no México quanto em outros países; as respostas certamente irão variar, o contexto será diferente e o reconhecimento da importância dessa mudança também estará localizado em diferentes escalas. Um possível tema de pesquisa que compare realidades dentro dos países ou entre alguns países latino-americanos?

C&E: Você também tem estudos sobre juventude e meios de comunicação. Como você vê a relação da juventude e da criança com a internet e os meios digitais móveis?

DC: Meu foco na juventude se deu através de meus estudos anteriores, por grande parte dos jovens ser estudante, e por todos, ou a maioria, utilizarem as tecnologias digitais. Eu gostaria de responder a esta pergunta a partir da área da educação: este espaço não é mais o mesmo desde o aparecimento das práticas

digitais. Estou convencida de que tais práticas irão evoluir, se refinarão e se transformarão em atividades que ainda não podemos imaginá-las, mas o que temos de aceitar é que estão aqui para ficar e são parte da cultura da juventude. Em outras palavras: não é possível “domesticá-las”, o mais sensato é conhecê-las, aceitá-las e incorporá-las.

Uma parte importante desta tarefa está no âmbito familiar desses jovens; a outra, em suas relações sociais, de entretenimento, no âmbito do trabalho, no caso de trabalharem, mas também na escola, em todos seus níveis existem tarefas para se desenvolver. Não é possível que, enquanto a vida “lá fora”, a vida diária, mudou rapidamente, o ensino continue em uma área reservada ao pré-digital. Os medos devem ser enfrentados com conhecimento sobre como as crianças e os jovens de diferentes realidades estão se relacionando através dos dispositivos móveis. Existem muitos estudos sobre o acesso às tecnologias digitais, muitos relatórios sobre o crescimento do número de usuários, a lista de fornecedores e suas empresas etc., mas existem poucos estudos sobre os processos de apropriação desses novos recursos, que introduziram mudanças culturais fundamentais em crianças e jovens. É aí que os esforços do conhecimento devem estar direcionados.

C&E: A ideia de tempo-espaço muito se alterou com as tecnologias de informação, a internet e as redes sociais. Como esses elementos têm transformado a vida das pessoas no cotidiano?

DC: Essa pergunta tem uma relação com a anterior. Em minha própria experiência docente percebi que os horários dos estudantes de graduação foram se tornando mais descuidados. E também a capacidade deles de responder a certas responsabilidades atribuídas, bem como a presença em certos espaços. É aí que devemos observar que eles não podem abandonar na escola suas práticas vitais de espaço-tempo, se liberarem das amarras do digital.

Estamos na fronteira, ou nem mesmo na fronteira, estamos vivenciando a convivência entre dois mundos: um pautado em horários e espaços físicos, e outro chamado “ciberespaço” que libera essas orientações. Nem toda a sociedade se digitalizou por inteiro, nem todo o sistema da sociedade industrial, marcado por outra condição espaço-temporal, desapareceu. Isso também vale para o ensino, mas certamente a educação é a área onde devemos encontrar e explicar a coexistência entre essas concepções, ou não teremos as respostas adequadas de algumas/alguns alunas/os e professoras/professores. É uma espécie de luta de gerações: entre o que está indo (que talvez nunca possa desaparecer por completo) e o que chegou há mais de 20 anos, se considerarmos a década de 1990 como a década em que os recursos digitais começaram a se massificar.

C&E: A liberdade de expressão e o direito à comunicação são essenciais para o exercício da cidadania. Como esses direitos se configuram no espaço latino-americano?

DC: Acho que essa pergunta traz um tema difícil de responder de uma única vez. No espaço latino-americano, existem várias maneiras de exercer os

direitos de liberdade de expressão e de cidadania. Mas devemos partir de um fato: estamos confrontados com uma realidade que se multiplica de acordo com cada país, sua história particular e, claro, com as lutas por esses direitos fundamentais.

Para evitar cair em generalizações, digo apenas que os processos digitais permitiram reacender as lutas por esses direitos, simplesmente porque agora existem recursos para expressar conteúdos de muitos para muitos, o que questiona as vozes monótonas dos grandes meios de comunicação e seus grupos de poder. Essa disseminação de mensagens não apenas fortalece as lutas anteriores como a da liberdade de expressão, mas coloca na agenda pública outros direitos, novos ou esquecidos, como da autodeterminação sexual ou da defesa do meio ambiente. Penso que uma forma clara de sua configuração no espaço público latino-americano são as experiências que fizeram uso da palavra através das redes sociais digitais (o movimento dos estudantes chilenos, o #YoSoy132 do México, chequeado.com da Argentina ou <https://verificado.mx> também do México). Cada uma dessas iniciativas deve ser reconhecida para além de seus resultados imediatos: são parte de uma história em construção que alimenta e enriquece a si mesma. É a história de ser manifestar através de novos meios de comunicação e se empoderar através da palavra.

C&E: Qual o papel da universidade em relação aos desafios da comunicação na atualidade?

DC: A universidade, e estou falando do México, de alguma forma tem uma dívida com a comunicação, pois lhe custou estabelecer seu lugar, reconhecê-lo como uma área que ultrapassa as atividades profissionais de comunicação, sendo estas importantes, mas que escapam de sua dimensão social e da ampla estrutura acadêmica composta por ensino e pesquisa. Esse reconhecimento é apenas o primeiro passo que levaria a um maior número de vagas acadêmicas na área, o maior suporte para a atualização da infraestrutura técnica ao ensino, também mais bolsas de estudo e maior acesso à tomada de decisões dentro das ciências sociais em geral.

Mas não é só a universidade, mas também os poderes políticos e de decisão dificilmente reconhecem o papel da comunicação como uma área que se desenvolve diante de seus próprios olhos da qual eles procuram tirar proveito sem explorar todas as suas dimensões. Por isso muitas vezes caem em práticas que o próprio desenvolvimento teórico da área marcou há algum tempo: a onipotência da mídia, a reiteração de uma mentira para torná-la realidade, a ignorância do receptor. Também somam-se a isso termos como a pós-verdade ou as notícias falsas (*fake news*), os conceitos que impõem discursos midiáticos protagonizados pelos diferentes emissores, notáveis?, que não sabem nem reconhecer os avanços teóricos importantes que nos custaram anos de trabalho, bem como os testes empíricos. Por ser tão acessível a todos, tão visível, a comunicação se inviabiliza naturalmente ou através de estratégias que minimizam a identidade na área e suas realizações.

Essa também é outra batalha que vencer. Devemos dar maior visibilidade a essa área, muito além de um conjunto de práticas profissionais notáveis e influentes. Devemos fortalecer sua identidade científica, contando as nossas conquistas, a história que construímos, as contribuições teóricas e metodológicas, os confrontos que mantêm vivo o pensamento crítico da comunicação latino-americana.

